

DE UMA MODALIDADE À OUTRA: DESVENDANDO O PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO

Carlos Henrique Rodrigues
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Neste trabalho, considerando-se a especificidade da interpretação de uma língua oral, Português, para uma língua espaço-visual, Libras, investigamos e analisamos como dois intérpretes de sinais, um CODA e outro não, empregam estratégias de *prolongamento* e *repetição*, durante a interpretação simultânea do Português para a Libras, como forma de monitoramento da velocidade de produção do texto alvo em relação à velocidade de recebimento do texto fonte e, também, como mecanismos de apoio aos processos de solução de problemas de tradução e de tomadas de decisão. A análise realizada contribuiu para a compreensão do processo de interpretação e destacou que estratégias de prolongamento e repetição servem como recursos de escuta e/ ou reflexão para tomadas de decisão, frente (i) à interrupção de insumos do texto fonte, (ii) à necessidade de aguardar o enunciado completo e/ ou (iii) aos problemas de interpretação.

Introdução

Por volta de 1960, os profissionais da área de interpretação passaram a refletir acerca de sua própria prática interpretativa, descrevendo-a com o objetivo de contribuir com as futuras gerações de intérpretes. Além disso, apropriaram-se de contribuições da Psicologia, possibilitando a investigação de aspectos cognitivos e, conseqüentemente, impulsionando a consolidação e o avanço de pesquisas em interpretação. Pöchhacker (2009) destaca que o reconhecimento dos Estudos da Interpretação só teria ocorrido de fato na década de 1990.

Desde então, os Estudos da Interpretação têm crescido significativamente, destacando-se e se firmando como um campo disciplinar distinto. Em meio a esse crescimento, encontramos as pesquisas sobre o processo de interpretação envolvendo a Língua de Sinais (LS), as quais passam a configurar uma vertente específica de estudos (GRBIC, 2007) que lida não somente com a questão da interpretação entre línguas distintas, mas, também, com o fato de essa interpretação ser entre diferentes modalidades (PADDEN, 2000; ISHAM, 1995). A interpretação de uma língua oral (LO) para uma LS é impactada por certo efeito de modalidade, o qual fará da interpretação, LO-LS, um processo singular.

Considerando-se a especificidade da interpretação de uma LO para uma língua espaço-visual, apresento uma breve reflexão sobre como dois tradutores-intérpretes de língua de sinais (TILS), um CODA (*Children of Deaf Adults* – Filho de Surdos) e outro não¹, empregam estratégias de *prolongamento* e *repetição*, durante a interpretação simultânea (IS) do Português para a Libras, como forma de monitoramento da velocidade de produção do texto alvo (TA) em

¹ Neste texto, abordaremos um recorte dos dados do TILS S (CODA, com mais de 15 anos de atuação) e do TILS F (com mais de 10 anos de atuação).

relação à velocidade de recebimento do texto fonte (TF) e, também, como mecanismos de apoio aos processos de solução de problemas de tradução e de tomadas de decisão.

A interpretação simultânea em sinais: línguas e modalidades

É importante esclarecer que para a construção deste texto foram utilizados dados decorrentes de um estudo empírico-experimental que abordou o desempenho de dois grupos de TILS, interpretando um texto oral do Português (com 13'30") para a Libras: Grupo A – bilíngues nativos em LS – CODA's e Grupo B – bilíngues não-nativos em LS. Nesse estudo, a Teoria da Relevância (SPERBER, WILSON, 1986) e sua aplicação à tradução (GUTT, 1991) serviram de fundamentação teórica, guiando as análises e reflexões. Empregou-se, como ferramenta de coleta de dados, a gravação em vídeo da tarefa de interpretação, assim como os Protocolos Verbais Retrospectivos (TAP's) e questionários. Vale dizer que para a transcrição dos dados e anotações utilizou-se o ELAN (*EUDICO Linguistic Annotator*) desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics* e disponibilizado gratuitamente².

No processo de interpretação, espera-se que ambos os textos, TF e TA, expressem a “mesma mensagem”, proposições que se assemelhem interpretativamente (GUTT, 1991). Nesse sentido, tomando como base pesquisas sobre as LS (KLIMA, BELLUGI, 1979; BRITO, 1995) é possível afirmar que, embora haja diferença na velocidade de produção do TA, em relação ao TF³, ela é possível, sem detrimento da mensagem, devido aos *dispositivos linguísticos específicos* das LS, os quais estão diretamente vinculados à sua modalidade espaço-visual. Segundo Klima e Bellugi (1979, p.194, *tradução minha*),

processos cognitivos subjacentes à linguagem podem muito bem criar uma taxa ótima de produção de proposições, independente da modalidade da língua. De modo que, sob pressão de tempo, uma língua de sinais, com articulação comparativamente reduzida, pode explorar as possibilidades de elaboração simultânea de significado que existe na modalidade espaço-visual.

O fato de as LS explorarem intensamente a simultaneidade na constituição dos sinais e dos enunciados; não dependerem essencialmente do uso de preposições, conjunções e artigos, por exemplo; junto ao fato de as relações sintáticas serem construídas pela exploração do espaço e dos sinais poderem ser enriquecidos, em si mesmos, com informações gramaticais (KLIMA, BELLUGI, 1979; BRITO, 1995), concorre para que, no geral, as mesmas sejam mais sintéticas que as LO, fato observado, também, quando comparados o TF e os TA em questão.

² O ELAN pode ser baixado no site <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>

³ A velocidade média do fluxo de produção dos TA foi de 1,46 SPS (TILS F) e de 1,53 SPS (TILS S) e a do TF de 2,38 PPS.

Essa diferença de modalidade certamente tem implicações sobre o processo de interpretação, visto que os TILS transitam, não somente entre duas línguas, mas, também, entre duas modalidades. Para Padden (2000, p.170, *tradução minha*) “quando os intérpretes de língua de sinais interpretam, as duas dimensões [duas modalidades e duas línguas] se unem de maneiras interessantes”.

Como a situação é de IS, a fluência do TF, o estilo do autor desse texto e a velocidade com a qual ele é produzido, interferem no processo de construção do TA (GERVER, 1969). Considerando isso, perguntou-se aos sujeitos acerca da velocidade do texto (taxa de produção) e, também, da possível interferência de algum outro elemento da fala ou de sua fluência sobre a interpretação.⁴ Ambos os intérpretes (TILS F e TILS S), consideraram a velocidade do TF adequada. Contudo, destacaram que certas hesitações, marcadores conversacionais e pausas⁵, no TF, não concorrem diretamente para sua interpretação para a LS.

A fala rápida não foi, acho que foi uma fala normal, né, corrente. Eu acho que faz parte, também, de qualquer discurso na língua portuguesa. Você vai ter lacunas de tempo, porque às vezes a pessoa fala “eh...”, “né...”, “oh...”, e que você não tem como repetir isso em língua de sinais, ou você abaixa o braço, ou você vai repetir o sinal mais de uma vez pra poder suprir esse tempo, mas a velocidade em si não achei nenhum problema. Tem essas questões que, às vezes, a professora, ela demora um pouco a concluir um pensamento e com isso ela mesmo fica um pouco mais, tem um pouco mais de morosidade na fala dela e que, às vezes, a gente tem que colocar isso na língua de sinais. Às vezes, ou fazer um sinal mais devagar, ou pensar em repetir um sinal. Enfim, não dá pra você fazer “eh eh eh eh” “né né né”, você tem que... Eu acho que a velocidade foi tranqüila. TILS F

Eu achei um texto tranqüilo. Não achei ele nem rápido e nem lento. Muito tranqüilo! Não tem nenhum elemento não... não é que interfira, mas, eh, alguns segundos eu tinha que esperar pra ter uma ideia do que ela ia falar, são... que durante a interpretação, são alguns segundos que no momento ali parecem uma eternidade [...] Então, esse tempo que eu dou, né, eu acho que eu uso muito a expressão facial quando eu fico esperando, assim, essa minha necessidade de “esperar”, às vezes, né, na interpretação, em vários momentos, eu uso a expansão e repito. Às vezes, eu repito para reforçar, às vezes eu repito o sinal porque eu tô esperando pra ver o que vem, ou porque ali, naquele tempo que eu tive durante a minha interpretação, eu não consegui pensar em outro sinal e o sinal que eu tô fazendo ele tá casando com o contexto, com o que tá sendo dito, então eu continuo com o sinal, ou com sua expansão, repetição, um ou outro. TILS S

Percebe-se que a modalidade espaço-visual favorece, em alguns casos, o significativo prolongamento de sinais, dito de outro modo, a realização de sinais mais lentamente, com uma duração maior, como apontam acima os TILS. Isso porque é possível, inclusive, que se congele um sinal ou que se mantenha seu movimento por um período maior, sem a necessidade de interromper sua realização com pausas, que nesse caso seriam momentos de *repouso* dos

⁴ É fundamental esclarecer que a velocidade média do TF é de aproximadamente 143,1 PPM, uma velocidade considerada normal, visto que de acordo com alguns estudos, a taxa comum de produção do Português por brasileiros varia entre 130 e 180 PPM (BEHLAU, PONTES, 1995; KYRILLOS, COTES, FEIJÓ, 2003).

⁵ De forma geral, compreendemos a hesitação como *uma interrupção do fluxo de produção do texto devido a alguma dificuldade em seu processamento ou verbalização*; os marcadores conversacionais como *elementos característicos da fala oral, os quais são de variada natureza, estrutura, dimensão e função* e as pausas como *momentos de silêncio (não-produção de fala), durante a produção do texto, os quais podem ser de diferentes naturezas e possuir distintas funções*.

braços, sem emissão de sinais. Nesse sentido, assim como as pausas tem um papel central na organização e planejamento da produção da LO, expressando inclusive, intensificação de processamento cognitivo, no caso do processo de interpretação, acreditamos que o prolongamento do sinal ou sua imediata repetição, podem evidenciar elementos do processamento cognitivo da interpretação por parte dos TILS.

Estratégias de monitoramento da interpretação em sinais

Considerando essa possibilidade de se prolongar um sinal, verificaremos a variação de alguns sinais nos TA, a título de exemplificação. De maneira geral, podemos observar a diferença com relação à produção, em cada TA, de alguns sinais (o mais breve e o mais longo) durante o processo de interpretação.

	SINAL	OCORRÊNCIAS	DURAÇÃO MÍNIMA	DURAÇÃO MÁXIMA	DURAÇÃO MEDIANA
TILS F	LINGUA-DE-SINAIS	48	0.259	3.951	0.759
TILS S	MESMO2	02	0.700	3.443	2.071
TILS F	EU	11	0.120	0.680	0.256
TILS S	BEBER1	09	0.082	2.420	1.001

Tabela 1 – Variação na duração dos Sinais

Essa variação na extensão do tempo de realização do sinal, em sua duração, confirma que um mesmo sinal pode variar significativamente. Acreditamos que essa possibilidade de variação é utilizada pelos intérpretes como uma estratégia de monitoramento da interpretação. Da mesma forma, observamos também que a repetição dos sinais, de seu movimento e de sequências de sinais, também são empregadas como estratégias de monitoramento. A investigação do uso dessas estratégias pode trazer importantes informações acerca do processamento, monitoramento e produção da interpretação por parte dos TILS. Considerando-se isso, decidimos para esse texto demonstrar o que motivou o significativo prolongamento do sinal (LINGUA-DE-SINAIS e MESMO2) e o que esse prolongamento significaria no TA, em ambas as situações, com o objetivo de verificar o que isso pode nos informar acerca do processo de IS para a LS.

O TILS F prolonga o sinal LINGUA-DE-SINAIS (846) devido ao fato de não ter acesso ao enunciado completo. Antes de completar a proposição “mesmo quando a sinalização de um texto acaba implicando em construções sem sentido e lógica”, a oradora insere algumas informações no texto e o intérprete precisa aguardar até que o enunciado esteja completo. O TILS F afirmou o seguinte, com relação ao trecho em que encontramos o prolongamento de LINGUA-DE-SINAIS:

Aqui ela dá uma, nesse trecho “que acaba implicando na sinalização sem sentido”, ela dá uma pausa. Parece que ela tinha ideia de um pensamento e mudou de ideia no meio do caminho, e com

isso a minha sinalização. Por isso eu fico repetindo ali o LINGUA-DE-SINAIS, LINGUA-DE-SINAIS, LINGUA-DE-SINAIS, LINGUA-DE-SINAIS, LINGUA-DE-SINAIS pra esperar a conclusão do pensamento dela. Isso eu considero como uma estratégia de interpretação, até pra não parecer para o meu público que houve essa interrupção ou que talvez eu não esteja entendendo aquilo tá sendo dito. TILS F

É interessante notar que, após o prolongamento do sinal, o intérprete faz uma marcação corporal (847) e repete novamente o sinal (848) para prosseguir com o texto. Além disso, antes de prolongar o sinal, com o intuito de ouvir o sentido completo do enunciado, o intérprete prolonga TEXTO2 (839), LER1 (843) e PORTUGUES (844) e, também, repete o sinal LER1 (843=841) e um trecho da interpretação TEXTO2 – APONTAR1 (839-840=841-842), para assim poder ouvir a mensagem completa.

mesmo quando a sinalização de um texto (2.390)	442	836. ENTAO* (299)
	Da (221)	837. TEXTO2 (941)
	372	838. APONTAR1 (450)
em- né que eles tão sinalizando um texto (2.000)		839. TEXTO2 (1.239)
	894	840. APONTAR1 (551)
		841. LER1 (609)
da língua portuguesa (1.160)		842. APONTAR1 (252)
	618	843. LER1 (1.177)
		844. PORTUGUES (1.162)
mesmo quando a sinalização desse texto ele cons- (3.218)		845. APONTAR1 (520)
	898	846. LINGUA-DE-SINAIS (3.951)
		847. ENTAO* (219)
		848. LINGUA-DE-SINAIS (1.089)
acaba implicando em construções sem sentido e lógica (3.504)		849. PENSAR1 (381)
		850. PARECER (390)
		851. LINGUA-DE-SINAIS (690)
	903	852. ENTAO* (538)
		853. SENTIR* (542)
os alunos às vezes continuam normalmente a leitura, né (3.124)		854. NAO-TER (598)
		855. LINGUA-DE-SINAIS (795)

No caso do TILS S, verificou-se que o prolongamento do sinal (MESMO2) coincide com uma pausa significativa no TF. Assim, ao invés de pausar a interpretação, o intérprete prolonga o sinal até ouvir a continuação do enunciado, e assim poder prosseguir com a interpretação. Devido ao fato de não ter acesso ao enunciado completo, o intérprete aguarda a complementação do enunciado para que o mesmo possa, de fato, ser inteiramente processado e o sentido do mesmo seja construído em LS. Vale destacar que os sinais (703 e 704) que antecedem o sinal MESMO2 (705) também foram prolongados.

esse processo de leitura (2.088)	248	702. COMO (900)
Ele vai o tempo inteiro se construir (2.425)		703. LER1 (1.757)
	2.716	704. DESENVOLVER (1.682)
	eh (416)	705. MESMO2 (3.443)
	522	
por meio da língua de sinais (1.575)		706. POR-CAUSA-DE (675)
	213	707. LINGUA-DE-SINAIS (634)
né ou seja o processo (1.672)		

Ambos os TILS, apresentaram uma motivação comum para o prolongamento do sinal, a saber, a necessidade de se ter acesso ao enunciado completo, ao sentido da mensagem, para só então concluir a interpretação que já haviam iniciado. Essa é uma restrição que se impõe à IS. O intérprete precisa monitorar sua interpretação de acordo com o ritmo do orador. Nesse sentido, enunciados incompletos não são passíveis de serem processados e fazem com que o TILS, quando não consegue inferi-los, empregue algumas estratégias na interpretação, tais como o prolongamento da duração de sinais e a repetição de sinais, e, em alguns casos, menos comuns em nossos dados, até mesmo, significativas pausas. Portanto, esses fatores podem indicar tanto uma intensificação da atividade cognitiva e, por consequência, do esforço em compreender o que se quer dizer, quanto uma quebra no processamento cognitivo, o que, por sua vez, pode acarretar em certa perda do ritmo cognitivo e, até mesmo, num problema de interpretação que envolve tomada de decisão acerca de como lidar com essas variações e incompletudes no TF.

Vale dizer que da mesma maneira que os prolongamentos e as repetições estão sendo identificados como estratégias empregadas na interpretação para a LS, o ato de abreviar sinais, reduzir seu tempo de realização, e, também, o de condensar enunciados devem ser considerados também estratégias. Entretanto, embora tenhamos observado tais estratégias de abreviação e condensação, não nos deteremos nelas aqui. Nesse sentido, são necessárias novas pesquisas capazes de investigar prolongamentos, abreviações, repetições, condensações em LS e, também, sua utilização e funções no processo de interpretação para a LS.

Como apontam os sujeitos da pesquisa, diante da impossibilidade de se ter acesso imediato ao que se pretende comunicar, devido, principalmente, às hesitações e às pausas “*inapropriadas/demasiadas*” (que impedem a produção de um enunciado completo ou de uma palavra inteira), eles precisam empregar algumas estratégias para a manutenção do fluxo de produção do TA. Vale chamar atenção para a afirmação do TILS F de que, nessas situações, ou você *abaixa o braço*, ou *faz um sinal mais devagar* ou, ainda, *repete o sinal mais de uma vez*; e, também do TILS S de que, às vezes, é necessário *esperar* e, por sua vez, usar a *expansão* e a *repetição*.

	ESTRATÉGIAS EMPREGADAS NA INTERPRETAÇÃO ⁶			
	PROLONGAMENTO	REPETIÇÃO	%*	%**
TILS S	162	24	13,24	1,96
TILS F	140	27	12,04	2,32

Tabela 2 – Estratégias

* Percentagem de sinais com prolongamento em relação ao total de sinais.

** Percentagem de repetição de sinais em relação ao total.

⁶ Foram contabilizados somente os prolongamentos e as repetições relacionados às hesitações e pausas no texto fonte que impediram o acesso do intérprete ao enunciado completo ou àqueles que se relacionaram à problemas de interpretação ou possíveis tomadas de decisão.

É importante destacar que tais estratégias ocorrem, também, em momentos em que não são verificadas pausas significativas no TF. Esse fato nos leva a inferir que prolongamentos de sinais e repetições não expressam somente a ausência ou a interrupção dos insumos do TF, mas, inclusive, momentos de possíveis problemas de interpretação, de tomadas de decisão que vão além do monitoramento do fluxo durante sua interrupção. Nessa direção, é possível afirmar que estratégias de prolongamento e repetição servem como recursos de escuta e/ ou reflexão para tomadas de decisão, frente (i) à interrupção de insumos do TF, (ii) à necessidade de aguardar o enunciado completo e/ ou (iii) aos problemas de interpretação.

Conclusão

Em conclusão, é possível afirmar que o monitoramento da interpretação relaciona-se ao fluxo de produção do texto processado e se torna perceptível no TA na administração da extensão dos sinais, visto que a duração de um mesmo sinal varia significativamente de acordo com o que o TILS está a traduzir. Enunciados incompletos, interrompidos, no TF implicam o emprego de estratégias, tais como o prolongamento e a repetição de sinais, com o objetivo de manter certo ritmo seqüencial na construção da mensagem, sem imputar a ela interrupções (hesitações e pausas) que possam comprometer a construção do sentido no TA, ou dar a ideia de que o TILS está parado devido à sua incapacidade de compreender o texto ou de produzir sua interpretação.

Referências

- BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- GERVER, D. *The Effects of source language presentation rate on the performance of simultaneous conference interpreters*. In: FOULKE, E. (ed.) *Proceedings of the 2nd Louisville Conference on Rate and/or Frequency Controlled Speech*. University of Louisville, 1969. p.162-184.
- GRBIC, N. Where do we come from? What are we? Where are we going? A bibliometrical analysis of writings and research on sign language interpreting. *The Sign Language Translator & Interpreter* 1:1. pp. 15-51, 2007.
- GUTT, E. A. *Translation and Relevance: cognition and context*. London: Blackwell, 1991.
- ISHAM, W. On the relevance of signed languages to research in interpretation, *Target* 7, p.135-149. 1995.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- PADDEN, C. A. Simultaneous Interpreting Across Modalities. *Interpreting*. n.5, v.2, 2000/01, 169-185.
- PÖCHHACKER, F. *Issues in Interpreting Studies*. In: MUNDAY, J. *The Routledge Companion to Translation Studies*. London: Routledge. 2009, p.128-140.
- SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance, communication and Cognition*. London: Blackwell, 1986.